

TIM CAHILL

“O IMPORTANTE É ASSEGURAR QUE TODOS OS CANDIDATOS RECONHEÇAM A NECESSIDADE DOS DIREITOS HUMANOS”

Luiz Alberto Osório
Da equipe do **Correio**

Nos últimos anos, uma das maiores preocupações dos eleitores brasileiros tem sido a segurança pública. No entanto, polícias mal preparadas, soldados com salários muito baixos aliados a grupos de extermínio e torturas são

uma realidade em boa parte das delegacias e presídios. Mostram o retrato do desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Para tentar reverter a situação, a Anistia Internacional, organização não-governamental com sede em Londres, enviou ao país o pesquisador da instituição sobre o Brasil, Tim Cahill, para encontrar-se com os quatro principais candidatos à Presidência, José Serra (PSDB),

Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PPS) e Anthony Garotinho (PSB) e discutir o tema. Porém, até a tarde de ontem, a equipe de Ciro Gomes não havia atendido aos pedidos da organização. Em entrevista ao **Correio**, Cahill afirmou que no governo Fernando Henrique houve uma melhora significativa no respeito aos direitos humanos, mas ainda resta muito por fazer.

Direitos humanos esquecidos

CORREIO BRAZILIENSE — Quando os senhores pediram para falar com os candidatos à Presidência sobre os direitos humanos, qual foi a reação deles?

TIM CAHILL — Estamos há dois meses tentando marcar esses encontros. Ligávamos todos os dias. Foi muito difícil e só conseguimos marcar com a deputada Rita Camata (vice na chapa de José Serra), Lula e Garotinho. A equipe de Ciro Gomes até o momento não respondeu. Isso mostra a dificuldade de se conseguir espaço

para falar de direitos humanos no debate eleitoral.

CORREIO — Dos programas dos partidos, algum em especial trata da questão direitos humanos?

CAHILL — De forma específica só vamos comentar sobre os programas na sexta-feira (amanhã) depois de conversar com os candidatos. Mas vimos até o momento é que todos falam de segurança pública e pouco sobre direitos humanos. Nossa preocupação hoje é ampliar o debate sobre o tema. Hoje o espaço para discutir o tema é muito pequeno. Ao final do encontro com os presidenciáveis, vamos apresentar uma carta aberta com recomendações específicas e pedir a inclusão de direitos humanos e segurança

ça pública à toda população.

CORREIO — Há duas semanas das eleições, sua iniciativa pode ser vista como uma ingerência no processo eleitoral?

CAHILL — Sempre há essa possibilidade de que um ou outro candidato possa tentar utilizar isso para tirar vantagem. Não estamos aqui para ser um órgão internacional, mas para trabalhar e fortalecer o trabalho de órgãos nacionais que não têm encontrado espaço para divulgar a mensagem dos direitos humanos nestas eleições. Para nós o importante é assegurar que todos os candidatos reconheçam a necessidade dos direitos humanos e o nosso trabalho dos defensores, além da necessidade de incluir isso no

próximo governo.

CORREIO — Como a Anistia Internacional avalia a situação dos direitos humanos no Brasil?

CAHILL — Nos oito anos do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso houve certamente uma abertura ao diálogo, o reconhecimento em nível internacional de seus deveres, um reconhecimento em termos de implementação do programa dos direitos humanos. Mas na realidade o que temos visto é que hoje em dia o problema é crítico no Brasil. Continuam o uso de práticas de extermínio por parte de agentes da polícia, execuções sumárias, existem, esquadrões da morte em vários estados. Temos informações de contínuos assassinatos nas áreas

Gilberto Alves



CAHILL: ESFORÇO PARA CONSCIENTIZAR CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA

rurais, especialmente em regiões como o sul do Pará, Pernambuco, Paraíba. Ataques contra indígenas no Mato Grosso, no Amazonas, no Acre. E continuamos a receber informações sobre a impunidade para os criminosos. Isso sem falar da tortura em delegacias e prisões de todo o país.

CORREIO — Qual a proposta a instituição para solucionar o problema?

CAHILL — Falta no Brasil uma política que englobe a segurança pública aliada aos direitos humanos. A polícia precisa ser eficaz e respeitar o cidadão, ser bem treinada e bem paga. Não uma polícia que ataca a quem supostamente tem que proteger. A Anistia tem notado que uma grande parte da população se encontra presa en-

tre a violência urbana, a do tráfico e da polícia. As pessoas não recebem segurança pública e acabam marginalizadas.

CORREIO — Há quem afirme que os senhores defendem os direitos de detentos e não se preocupam com o direito dos que são marginalizados pela miséria.

CAHILL — No Brasil existe um medo criado pela falta de segurança. Para nós é importante ter espaço para mostrar que isso não vai contra a proteção dos indivíduos. Por vezes somos descritos como defensores de bandidos. Isso é uma idéia perigosa. Queremos mostrar que o desrespeito aos direitos humanos afeta toda a população. Essa defesa é necessária para que surja uma Brasil melhor e mais seguro.